

A SALIÊNCIA FÔNICA NA MARCAÇÃO DA CONCORDÂNCIA VERBAL DE P6 NO PORTUGUÊS AFRO-BRASILEIRO DA COMUNIDADE QUILOMBOLA RIO DAS RÃS – BAHIA

Juscimaura Lima Cangirana¹
Elisângela Gonçalves da Silva²

RESUMO

63

Este trabalho analisa a influência da saliência fônica na marcação da concordância verbal de P6 no português afro-brasileiro da comunidade quilombola Rio das Rãs, localizada na região do Médio São Francisco, município de Bom Jesus da Lapa, Bahia. Para análise, partimos de um *corpus* composto por 24 entrevistas, registradas em inquéritos com duração de 50 minutos. Para tanto, utilizamos os pressupostos teórico-metodológicos da Variação e Mudança Linguística (LABOV, 1972-2008; WEINREICH; LABOV; HERZOG, 1968-2006), os estudos sobre o português afro-brasileiro (LUCCHESI; BAXTER; RIBEIRO, 2009), bem como a concordância verbal de P6 (LEMLE, NARO, 1977). Na presente análise, foi considerada a variável linguística *Saliência Fônica*, uma vez que, essa variável nos níveis mais salientes 4, 5, 6 apresenta índices de marcação para a concordância verbal, em posição acentuada, com percentual de 64,8%. Por outro lado, os níveis menos salientes 1, 2, 3 tendem a não marcar a concordância verbal de P6, com percentual de 35,2% em posição não acentuada.

Palavras-chave: Comunidade Rio das Rãs; Português Afro-brasileiro; Sociolinguística Variacionista.

Revisto anonimamente no processo de pares cegos.

Recebido: 06/2020
Revisado: 07/2020
Aprovado: 08/2020

Reviewed anonymously in the process of blind peer.

Received: 06/2020
Reviewed: 07/2020
Approved: 08/2020

DOI: 10.46696/issn1983-2354.RAA.2020v13n35.63-73

1. INTRODUÇÃO

Este artigo objetiva analisar a influência da variável saliência fônica na realização morfológica da concordância verbal de P6 no português afro-brasileiro da comunidade negra rural quilombola Rio das Rãs. Para análise dessa variável, esta pesquisa apoia-se nos pressupostos teórico-metodológicos da Variação e Mudança Linguística (LABOV, 1972-2008; WEINREICH; LABOV; HERZOG, 1968-2006), bem como nos estudos

realizados sobre o português afro-brasileiro (LUCCHESI; BAXTER; RIBEIRO, 2009) e a influência das línguas africanas no português brasileiro (PETTER, 2011).

Neste trabalho, ao descrevermos o comportamento da variável *saliência fônica* na marcação da concordância verbal de P6, fazemos uma comparação de nossos resultados, com os obtidos nos estudos realizados por Silva (2003) em comunidades afro-brasileiras do interior da Bahia, bem como no português falado no Rio de Janeiro por Lemle e Naro (1977).

A escolha dessa comunidade se deve ao fato de ela ter uma população formada, na sua totalidade, por descendentes de negros africanos, bem como de ter sido uma das primeiras comunidades quilombolas da Bahia a ter seu território titulado, consistindo em uma rica fonte para contribuir no estudo da constituição do português brasileiro.

A análise desenvolvida neste trabalho é orientada a partir da seguinte questão/ problema: (i) Na variável Saliência fônica, as formas mais salientes são mais propensas à marcação da concordância verbal de terceira pessoa do plural ou P6 na comunidade quilombola Rio das Rãs?

¹ Mestra em Linguística pela Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia – Uesb – email: maura477@hotmail.com

² Doutora em Linguística pela Universidade Estadual de Campinas (Unicamp). Professora do Programa de Pós-Graduação em Linguística – PPGLin: Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia. Email: elisangela.uesb@edu.com

Assumimos a hipótese de que, quanto mais saliente for maior a diferença material fônica entre o singular e o plural dos verbos, maior será a probabilidade de eles apresentarem marcas formais de plural para concordar com seus respectivos sujeitos (NARO, 1997).

Além da introdução, este artigo se divide em quatro seções. Na primeira, discorreremos brevemente sobre os pressupostos teóricos da pesquisa. Em seguida, apontaremos os procedimentos metodológicos por nós utilizados na pesquisa. Na terceira seção, apresentaremos os resultados da análise dos dados do objeto de estudo analisado. Posteriormente, apresentaremos as considerações finais.

2. A TEORIA DA VARIAÇÃO E MUDANÇA LINGUÍSTICA

Este trabalho baseia-se nos pressupostos teóricos da Teoria da Variação e Mudança Linguística (LABOV, 1972-2008; WEINREICH; LABOV; HERZOG, 1968-2006), também conhecida como Sociolinguística Variacionista ou Sociolinguística Laboviana, que nos auxiliou a compreender a influência da *saliência fônica* na marcação da concordância verbal de P6 no vocábulo dos moradores da comunidade em estudo.

A Teoria da Variação e Mudança surgiu em 1960 nos Estados Unidos da América, tendo como representante o linguista norte-americano William

Labov, no texto fundador Fundamentos empíricos para uma teoria da mudança linguística (WEINREICH; LABOV; HERZOG, 1968-2006), que utilizou o contexto social para analisar a variação existente no sistema linguístico, que era desconhecida em correntes linguísticas anteriores.

Iniciou-se, assim, uma nova abordagem dos estudos linguísticos, que tem como objeto a variação e a mudança linguística, que passam a ser consideradas como inerentes às línguas, podendo ser analisadas considerando-se grupos de fatores tanto de cunho social (faixa etária, ocupação profissional, escolaridade, sexo, rede de relações sociais, mídias, entre outros) como também de cunho linguístico (nos diferentes níveis: fonológico, morfológico, sintático, semântico/pragmático) que as possam estar motivando.

A preocupação de Labov (1972-2008, p. 139) era relacionar “[...] o estudo da língua e o estudo da sociedade [...]”, uma vez que o processo de variação e mudança em uma comunidade de fala está diretamente ligada à realidade social dos falantes. Segundo este pesquisador,

[...] não se pode entender o desenvolvimento de uma mudança linguística sem levar em conta a vida social da comunidade em que ela ocorre. Ou dizendo de outro modo, as pressões sociais estão operando continuamente sobre a língua, não de algum ponto remoto no passado, mas como uma força social imanente agindo no presente vivo (LABOV, 1972-2008, p. 21).

Assim, ao pesquisar um determinado fenômeno linguístico, os estudos variacionistas focalizam a heterogeneidade linguística, visto que nenhuma língua é homogênea e é, através da heterogeneidade, que se pode compreender a mudança que ocorre na mesma¹. Para Weinreich, Labov, Herzog (1968-2006, p. 58) “[...] a língua é heterogênea e essa heterogeneidade deve ser buscada na comunidade de fala”.

Os estudos realizados por Labov (1972-2008, p.188) foram direcionados a uma comunidade de fala² isto é, a “grupos de falantes que compartilham os mesmos valores, normas, atitudes em relação ao uso de formas linguísticas” – nos aspectos fonéticos, morfológicas e/ou sintáticos de uma língua por seus membros. Esse é o olhar sobre a língua e sobre o fenômeno da variação que um sociolinguista adota ao trabalhar com dados reais.

3. CONSTITUIÇÃO HISTÓRICA DA COMUNIDADE QUILOMBOLA RIO DAS RÃS

¹ Ressalte-se que toda língua apresenta variação e mudança, embora nem toda variação estrutural motive mudança linguística (LABOV, 1972-2008; TARALLO, 2007).

² A variação pode ser estudada considerando-se uma comunidade de fala ou um informante, já que este, por sua vez, não fala da mesma forma em todas as situações ou dentro de um mesmo grupo social.

Segundo a narrativa de vida dos moradores, a comunidade Rio das Rãs tem sua história profundamente relacionada ao início da formação do quilombo, ou seja, é uma localidade formada por descendentes de escravos africanos que nessa região teriam se refugiado. Dessa forma, no período de escravidão, os negros percorriam o Rio São Francisco e buscavam esconderijo às suas margens, bem como de seu afluente, o Rio das Rãs, escapando dos fazendeiros que os escravizavam. Segundo Souza e Almeida (1994, p. 27), “[...] nessa região, as terras eram férteis, menos propensas à seca, por isso consideradas o celeiro do Médio São Francisco”. Assim, este lugar passou a ser referência para muitos negros que fugiam do sistema vigente.

O quilombo Rio das Rãs está localizado a 70 km do município de Bom Jesus da Lapa, Oeste da Bahia, a cerca de 970 Km da capital. Trata-se de uma comunidade de difícil acesso, ou seja, são mais de 70 Km de estrada de chão que, pelo mal estado de conservação, na época de chuva, torna impossível transitar pela região.

Essa comunidade faz divisa com os municípios de Malhada, Bom Jesus da Lapa e Carinhanha, com uma extensão territorial de aproximadamente 30.190,71 mil hectares. De acordo com o INCRA, a comunidade de Rio das Rãs possui mais ou menos 691 habitantes e é constituída por pequenos núcleos territoriais: Brasileira, Rio das Rãs, Capão de Cedro, Retiro e Exu.

Conforme declarações dos moradores, a ocupação do quilombo se deu por volta do início do século XIX, em decorrência da fuga de seus antepassados. Eles registram também a presença de indígenas no quilombo. De acordo com Carvalho (1996, p. 87-88), “[...] os indígenas foram os primeiros habitantes do vale. Com a chegada do branco colonizador, os moradores primitivos foram desaparecendo, dizimados ou expulsos”.

Rio das Rãs esteve diante de situações de conflito pela posse de terras com diversos fazendeiros da região durante vinte anos. Os fazendeiros se apropriaram indevidamente de parte da terra dos quilombolas e mantiveram a comunidade sob seu controle. Essa situação só foi resolvida com a intervenção do Instituto Nacional de Colonização e Reforma Agrária (INCRA). Este órgão estabeleceu a reintegração dos moradores que tiveram suas casas destruídas através da implementação do Projeto Especial Quilombola Rio das Rãs. O objetivo desse projeto era desapropriar a área em conflito e transformá-la em assentamento³ para os remanescentes de quilombos.

4. O PORTUGUÊS AFRO-BRASILEIRO

De acordo com Lucchesi (2006, p. 83), “[...] a variedade popular do português do Brasil é resultado de uma realidade sociolinguística histórica polarizada”. Essa realidade linguística resultou do contato entre índios, negros

³ “É um conjunto de unidades (lotes) agrícolas independentes entre si, instaladas pelo INCRA, onde originalmente existia um imóvel rural que pertencia a um único proprietário” (INCRA).

e portugueses e tem sido objeto de estudo em diversas pesquisas realizadas no Brasil.

As comunidades quilombolas apresentam elementos culturais dos seus antepassados africanos e, principalmente, linguísticos, os quais receberam influência africana nos aspectos fonético/fonológicos, morfossintáticos, léxico-semânticos, constituindo um riquíssimo material linguístico para estudo.

Os dialetos africanos contribuíram na constituição do português brasileiro, especificamente na fala dessas comunidades negras rurais. De acordo com Lucchesi (2001), os traços linguísticos presentes nos falares rurais das comunidades quilombola são relevantes para a compreensão da formação linguística no Brasil, contribuindo para a variação e mudança linguística do português popular brasileiro, principalmente na época da colonização em que o português conviveu com as línguas indígenas e africanas.

4.1 O PORTUGUÊS AFRO-BRASILEIRO DA COMUNIDADE QUILOMBOLA RIO DAS RÃS

A comunidade Rio das Rãs tem sua história linguística profundamente relacionada ao início da formação do quilombo, ou seja, é uma localidade formada por descendentes de escravos africanos que nessa região teriam se refugiado. Dessa forma, a partir da segunda metade do XIX, os fazendeiros tomaram posse da metade do quilombo e os índios foram obrigados a deixar a região do Vale do São Francisco, assim começaram os primeiros contatos dos negros com os brancos (marotos)⁴ na luta pela posse de terras. Na formação desse quilombo, provavelmente, os negros falavam o português de forma precária e junto com a língua dos índios, seu português sofreu mudanças.

Segundo os moradores, a comunidade Rio das Rãs conserva também traços de africanidade em suas manifestações culturais e linguísticas. Algumas expressões das línguas africanas são usadas durante as celebrações do candomblé no território do quilombo. Essas expressões são códigos secretos usados como forma de preservar a cultura africana no quilombo. Para Lucchesi (2003, p. 151), existem “[...] alguns códigos restritos que, como línguas secretas, contribuem para preservar algo da identidade cultural africana de algumas poucas comunidades rurais isoladas de afrodescendentes”. Na fala da comunidade em estudo, verificamos a presença de palavras que provavelmente são lexemas originados de línguas africanas, que podem ser considerados como herança de traços culturais africanos, tais como: caquiar, quitute, cafofo, cambada, cacherreteiro, digitório, muxibento, capanga, imbornal, selelepe, entre outras.

Petter (2011, p. 87) afirma que “[...] as línguas africanas dos cultos afro-brasileiros têm uma função litúrgica e seu uso fica restrito aos iniciados e praticantes”. Nesses termos, as marcas das línguas africanas presentes no português da comunidade representam códigos secretos utilizadas nos rituais religiosos.

⁴ Nome dado aos brancos pelos negros (SOUZA 1994, p. 55)

De acordo com Petter (2011):

[...] os falantes das duas comunidades, situadas em São Paulo e Minas Gerais, respectivamente, julgam falar uma “língua” – denominada cupópia ou falange, no Cafundó, e língua do negro da Costa, na Tabatinga –, quando, na realidade, o que se observa é o uso de um léxico de origem africana, mas com a sintaxe do português falado na região (PETER, 2011, p. 89).

Vale destacar, neste estudo, a relevância de pesquisar a fala das comunidades remanescentes de quilombos, principalmente a influência das línguas africanas na caracterização da realidade linguística brasileira, visto que:

[...] na fala dessas comunidades podem ser encontrados indícios valiosos acerca das mudanças que teriam ocorrido na estrutura da língua portuguesa ao ser adquirida precariamente por um largo contingente de escravos africanos e ao ter se nativizado entre os seus descendentes. Em função do seu isolamento anterior, essas comunidades seriam, assim, verdadeiros arquivos vivos de processos que teriam marcado a história da difusão da língua portuguesa pelo território brasileiro (LUCCHESI, 2001, p. 1-2).

Para o autor, a influência das línguas de contato foi relevante para compreender as mudanças linguísticas encontradas nas comunidades afro-brasileiras.

Além de traços africanos presentes no léxico dos moradores, observamos fenômenos morfossintáticos, a exemplo da presença de marca de plural - variante padrão versus a ausência de marca de plural - variante não padrão, conforme demonstra os exemplos em (1a) e (1b):

1. (a) *Eles abrem* a escola nos finais de semana.
(b) *Nós fazia*Ø pros home.

A ausência de marca de plural presente no exemplo pode estar relacionada ao contato do português com as línguas indígenas e africanas, ocorridos na formação do quilombo, pois esses falantes adquiriam, assim, um português irregular, mantendo mais marcas de seus antepassados africanos, principalmente na fala dos mais velhos.

5. PRESSUPOSTOS TEÓRICO-METODOLÓGICOS

Para a realização deste trabalho, foram seguidos os pressupostos da Teoria da Variação e Mudança Linguística, fundamentada pelo linguista William Labov (2008 [1972]), utilizando-se um corpus composto por entrevistas de 24 (vinte e quatro) informantes residentes na comunidade remanescente de quilombo Rio das Rãs, localizada no município de Bom Jesus da Lapa - Bahia.

A análise realizada neste trabalho toma como corpus composto dados orais de 24 informantes residentes na comunidade remanescente de quilombo Rio das Rãs, localizada no município de Bom Jesus da Lapa. Eles foram divididos, considerando perfis sociais como: (i) exo (12 do sexo masculino e 12 do sexo feminino); (ii) Faixa etária (08 jovens –25 a 35 anos; 08 adultos – 45 a 55 anos; 08 idosos – com mais de 65 anos); (iii) Grau de escolaridade (12 analfabetos: 0 a 02 anos de estudos e 12 semianalfabetos: 03 a 05 anos de estudos; (iv) Exposição à mídia, e (v) Redes de relações sociais.

Após uma prévia aproximação de vivência dos entrevistadores com os moradores da comunidade, as entrevistas foram realizadas com auxílio de um gravador de voz modelo Sony PX-240. Para a transcrição grafemática das entrevistas, lançou-se mão da Chave de Transcrição do projeto Vertentes do Português (LUCCHESI, 2001); ainda, utilizou-se o programa estatístico GoldVarb X para rodar os dados, bem como o programa Transcriber 2.0 para transcrever as entrevistas.

6. ANÁLISE E DISCUSSÃO DOS RESULTADOS

O *corpus* da comunidade remanescente de quilombo Rio das Rãs é composto por 24 entrevistas em que foram encontradas 993 ocorrências de concordância verbal. Para essa análise, contendo dados fornecidos pelo programa estatístico *Goldvarb X*, nos quais analisamos o comportamento dos grupos de fatores linguísticos e extralinguísticos significativos para a presença do morfema de terceira pessoa do plural nos dados de fala da comunidade em estudo. Desse modo, consideramos a variável *Saliência fônica* para análise da marcação de concordância verbal de P6 neste estudo.

A partir dessa amostra de 993 ocorrências, verificamos que 850 demonstram a tendência a não marcação morfológica da CV em P6, equivalendo a 85,6%, e 143 apresentam aplicação da regra de concordância, equivalendo a 14,4%, conforme apresenta tabela 1 abaixo:

Tabela 1 - marcação de concordância verbal de P6

Concordância verbal de P6	Número de ocorrências	Percentual
Aplicação da regra	143/993	14,4%
Não aplicação da regra	850/993	85,6%

Fonte: Elaboração própria

Neste estudo, é relevante destacar que, analisaremos a variável linguística *saliência fônica*, para verificar como essa variável pode influenciar na marcação da concordância verbal de P6 na comunidade em estudo. Assim, nosso objetivo é observar se está havendo nessa comunidade uma mudança

quanto à marcação da concordância verbal de P6 na fala vernácula da comunidade quilombola de Rio das Rãs, por meio do controle dessa variável.

6.1 VARIÁVEIS LINGUÍSTICAS

As variáveis linguísticas são vistas como fatores internos ao sistema que, em contextos linguísticos específicos, podem propiciar ou não a marcação de uma ou mais variantes. Na sequência, apresentamos os resultados específicos dessa variável linguística controlada.

70

6.1.1 SALIÊNCIA FÔNICA

A variável saliência fônica tem se tornado de grande relevância nas análises variacionistas, podendo explicar a variação da concordância verbal na terceira pessoa do plural no Português Popular do Brasil (LEMLE; NARO, 1977; NARO, 1981; SCHERRE; NARO, 1998; Silva, 2003). Neste trabalho, utiliza-se a distribuição organizada por Naro (1981, p. 74) para analisar a “saliência fônica”:

NÍVEL 1: *Oposição não acentuada*

Nasalização sem envolver qualidade da vogal na forma plural: a diferença entre singular e plural só na nasalidade, não há marcação nas formas verbais. Esses verbos terminam em “e” (vende/vendem).

- (a) Ele *vende* muito.
- (b) Eles *vendem* muito.

Nasalização que envolve qualidade na forma plural: a diferença entre singular e plural leva à mudança na qualidade da vogal da forma plural (ganha/ganham).

- (a) Ele *ganha* muito.
- (b) Eles *ganham* muito.

Acréscimo de segmento no plural: quando aparece acréscimo de elementos no plural para marcar a oposição das formas singular e plural (quer/querem).

- (a) Ele *quer* almoçar.
- (b) Eles *querem* a verdade.

NÍVEL 2: *Oposição acentuada*

Ditongação e/ou mudança na qualidade: quando aparece uma forma vocálica tônica no singular, em oposição a um ditongo tônico nasal no plural (tá/tão; vai/vão).

- (a) A moça *vai* lá
 (b) Os rapazes *vão* lá.

Acréscimo de segmento com supressão da semivogal do singular ou mudança de tonicidade: quando o acento tônico recai na vogal temática (viu/viram; foi/foram).

- (a) Ele *foi* embora.
 (b) Eles foram para casa.

Envolve acréscimo e mudança de raiz, que pode ser completa: quando as formas são completamente distintas na oposição das formas singular e plural (veio/vieram; é/são).

- (a) Ela *é* bonita.
 (b) Elas *são* bonitas.

Sendo assim, neste trabalho, analisamos a oposição singular/plural, destacando-se as formas verbais [+salientes] e [-salientes]. Posto isso, apresentamos os resultados para os fatores que constituem a variável Saliência fônica, representados na tabela 2:

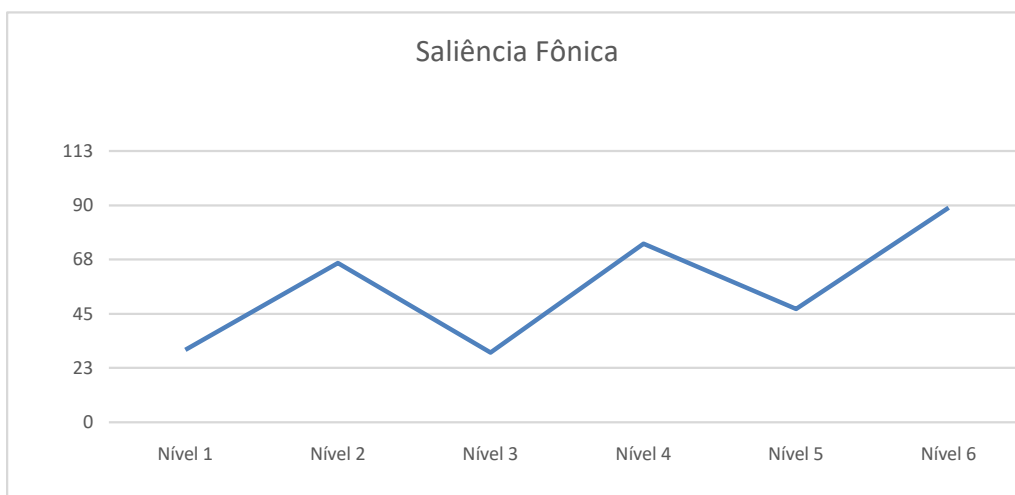
Tabela 2 – Presença da marca de plural ou variante padrão, segundo a variável Saliência Fônica

Posição	Nível de saliência	Ocorrências	Percentual	Peso
	Nível 1 - Nasalização sem envolver qualidade (come/comem)	4/58	6.5	0.30
Fora da sílaba tônica	Nível 2 - Nasalização com mudança de qualidade e formação de ditongo (fala/falam)	77/497	13.4	0.66
	Nível 3 - Acréscimo de segmento no plural (diz/dizem; quer/querem)	4/46	8.0	0.29
	Nível 4 - Ditongação e/ou mudança na qualidade (tá/tão; vai/vão)	27/88	23.5	0.74
Dentro da sílaba tônica	Nível 5 - Acréscimo de segmento com supressão da semivogal do singular ou mudança de tonicidade (bateu/bateram; foi/foram)	4/158	2.5	0.47
	Nível 6 - Envolve acréscimo e mudança de raiz, que pode ser completa (veio/vieram; é/são)	21/31	59.6	0.89

Fonte: **Elaboração própria**

Ao olharmos para os resultados da tabela 2, observamos nos níveis 1 (Eles *come* pouco) e 3 (Eles *diz* a verdade) apresentam uma tendência à não marcação da concordância com pesos relativos 0.30 e 0.29, respectivamente. Ao contrário, o nível 2 (nasalização envolvendo qualidade: Eles *falam* muito) apresenta marcas de P6 para o uso da variante padrão. Por outro lado, nos níveis 4 (As coisas *estão* diferente) e 6 (Essas coisa *são* um pouco mais diferente), os mais salientes, encontramos uma maior tendência para a aplicação da variante padrão, conforme pesos relativos 0.74 e 0.89, respectivamente. No nível 5 (Eles *bateu* a porta), constatamos o menor índice de realização da regra, uma vez que, faz parte das formas mais salientes, peso relativo 0.47. Esses resultados podem ser conferidos no gráfico 1:

Gráfico 1 – Marcação da concordância de P6 na variável saliência fônica (peso relativo)



Fonte: **Elaboração Própria**

No gráfico 1 apresentado, observamos que os dados comprovam, de um modo geral, a hipótese para a atuação da variável saliência fônica sobre a variação da CV de P6 na amostra, isso porque as formas menos salientes, distribuídas no nível 1 (posição não acentuada), apresentam índices bem menores para o uso da variante com ausência de marcas de CV; ao contrário das formas mais salientes. No entanto, o nível 2 (nasalização envolvendo qualidade) demonstra marcas de P6 para o uso da variante padrão, o que pode ser explicado pela quantidade de dados existentes nesse fator, isto é, o nível que apresenta a maior quantidade de ocorrência em relação aos fatores 1 e 3, conforme observado na tabela acima. O nível 5 também não obedece à hierarquia proposta nos estudos sobre saliência fônica, apresentando baixo nível de CV de P6, em relação aos fatores que fazem parte das formas mais salientes.

Ao compararmos os nossos resultados com os de Silva (2003), verificamos que ambos se aproximam no que se refere aos verbos mais salientes, níveis 4, 5 e 6 (o pesquisador amalgamou os três níveis), que apresentam percentual e pesos relativos 31% e 0.78, respectivamente. O autor explica que, o maior nível de saliência encontra-se nos casos em que oposição singular/plural é marcada pela mudança de raiz, seguida do nível em que a oposição singular/plural ocorre graças à manutenção ou mudança da vogal acentuada, com acréscimo de um segmento, podendo ou não ocorrer a alteração de tonicidade. Os resultados deste trabalho e os de Silva (2003) também se igualam no que diz respeito aos níveis 1, 2 e 3, que apresentam baixo índice de concordância verbal visto que seus resultados mostram peso relativo 0.13 e 0.22, respectivamente. Para Silva (2003), o nível menos saliente é aquele não acentuado, em que a oposição singular/plural dá-se apenas pela oposição oral/nasal na desinência de número e pessoa.

Percebemos, ainda mais, a influência da variável *saliência fônica* quando fizemos a amalgama dos grupos em posição não acentuada em contraposição a grupos em posição acentuada, como podemos verificar na tabela 3:

Tabela 3 - Frequência de variação pelo grupo “Saliência fônica” com amálgama

Nível de Saliência fônica	Ocorrências	Percentual
Em posição não acentuada	85/601	35,2%
Em posição acentuada	51/277	64,8%

Fonte: Elaboração própria

Observa-se que a amálgama dos níveis menos salientes 1, 2 e 3, em posição não acentuada, e dos mais salientes 4, 5 e 6, em posição acentuada, confirmam a hipótese de que níveis com maior saliência nas formas verbais levam a maiores frequências de uso da forma em P6.

Ao compararmos nossos resultados com os de Lemle e Naro (1977), em centros urbanos, percebemos que há uma semelhança em termos da oposição singular/plural, isto é, as formas menos salientes tendem a não marcação de concordância e as formas mais salientes tendem a aplicação de concordância verbal de P6. Os resultados apresentados por esses autores trazem a não marcação nas formas menos salientes, com peso relativo 0.11, e as formas mais salientes, com peso relativo 0.85. Em nosso trabalho, essa variável também apresenta resultado significativo nos níveis mais salientes.

7. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Estudar a fala dessa comunidade negra, rural e quilombola é relevante para compreender o contato entre línguas na formação histórica das variedades populares do português brasileiro, uma vez que essa comunidade, reduto de escravos foragidos e se manteve em relativo isolamento até o final do século XX.

Nesse contexto, podemos afirmar que o baixo índice de não marcação de plural do verbo (85,6%) na fala dos moradores dessa comunidade constitui um dos principais indícios da diferença entre o português urbano e o português de comunidades afro-brasileiras, a evidência do contato linguístico durante o processo de colonização do Brasil.

A concordância verbal de P6 mostrou-se relevante na comunidade remanescente de quilombo Rio das Rãs, principalmente, na variável *saliência fônica*, cujos resultados apresentam pesos relativos que tendem à concordância verbal de P6 quando a vogal do verbo é acentuada, isto é, nos níveis mais salientes 4, 5, 6, com pesos relativos 0.74, 0.47, 0.89 respectivamente. Os níveis não acentuados 1, 2, 3, por sua vez, com pesos relativos 0.30, 0.66, 0.22 respectivamente, tendem à não concordância verbal de P6.

Esperamos que a análise deste *corpus*, possa contribuir para estudos futuros sobre o fenômeno de variação na concordância verbal de P6 no português brasileiro.

REFERÊNCIAS

BAXTER, Alan. A Contribuição das Comunidades Afro-brasileiras Isoladas para o Debate sobre a Crioulização Prévia: um exemplo do Estado da Bahia. In: D'ANDRADE, E. e KIHMA, A (Org.). **Colóquio sobre Crioulos de Base Lexical Portuguesa**. Lisboa: Colibri, 1992.

BRASIL. **A nova Constituição da República Federativa do Brasil, 1988**. São Paulo: Mandarino, 1988.

BRASIL. **Programa Brasil Quilombola**. Secretaria Especial de Políticas de Promoção da Igualdade Racial. Brasília: INCRA, 2004.

BRASIL. Instituto Nacional de Colonização e Reforma Agrária – INCRA. Brasília, DF: INCRA, 1998. Disponível em: <<http://www.incra.gov.br/assentamento>>. Acesso em: 4 dez. 2017.

CARVALHO, José Jorge de. (Org.). **O Quilombo do Rio das Rãs: Histórias, tradições, lutas**. Salvador: EDUFBA, 1996.

DUTRA, Nivaldo Osvaldo. **Liberdade é reconhecer que estamos no que é nosso: comunidades negras do Rio das Rãs e da Brasileira-BA**. Dissertação (Mestrado em História) – Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, 2007 p. 178.

IBGE - Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. Censo Demográfico 2010 – Características Gerais da População. Resultados da Amostra. Bahia, 2010. Disponível em:

<<https://www.ibge.gov.br/busca.html?searchword=Rio%20das%20R%C3%A3s%20na%20bahia&searchphrase=all>>. Acesso em: 4 dez. 2017.

LABOV, W. Principles of Linguistic Change. **Vol I: Internal Factors.** Oxford: Blackwell, 1994.

_____. Padrões Sociolinguísticos. Trad. Marcos Bagno; Maria Marta Pereira Scherre, Caroline Rodrigues Cardoso. - São Paulo, Parábola Editorial, 1972-2008.

LEMLE, M.; NARO, A. J. Competências básicas do português. Relatório final de pesquisa apresentado às instituições patrocinadoras MOBRAL e Fundação FORD. Rio de Janeiro, 1977.

LUCCHESI, Dante. As duas grandes vertentes da história sociolinguística brasileira. **DELTA**, São Paulo, 2001.

LUCCHESI, Dante. O conceito de transmissão linguística irregular e o processo de formação do português do Brasil. In: RONCARATI, Cláudia; ABRAÇADO, Jussara. (Org.). **Português brasileiro: contato linguístico, heterogeneidade e história.** Rio de Janeiro: Letras, 2003.

LUCCHESI, Dante. Parâmetros sociolinguísticos do português brasileiro. **Revista da ABRALIN**, Belo Horizonte, v. 5, n. 1 e 2, p. 83-112, 2006.

LUCCHESI, Dante. História do contato entre línguas no Brasil. In.: BAXTER, Alan; LUCCHESI, Dante; RIBEIRO, Ilza. (Org.). **O português afro-brasileiro.** Salvador: EDUFBA, 2009. p. 41-73.

PEIXOTO, Ana Cristina Santos. **A construção de identidades em narrativas de comunidades quilombolas no sertão das gerais.** Dissertação (Mestrado em História). Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais - Belo Horizonte, 2014, p.186.

PETTER, Margarida Maria Taddoni. **A presença de línguas africanas na América Latina.** Universidade de São Paulo, volume 26, dezembro de 2011. Disponível em: <http://www.mundoalfal.org/sites/default/files/revista/26_linguistica_078_096.pdf>.

PRIETO, Gustavo Francisco Teixeira. **A aliança entre terra e capital na ditadura brasileira.** Universidade de São Paulo – São Paulo, 2017. Disponível em <http://www.scielo.br/pdf/mercator/v16/1984-2201-mercator-16-e16003.pdf>.

SILVA, Jorge Augusto Alves da. **A concordância verbal no português afrobrasileiro: um estudo sociolinguístico de três comunidades rurais do estado da Bahia.** Dissertação (Mestrado em Linguística). Universidade Federal da Bahia - Salvador, 2003, p. 200.

SILVA, Valdério Santos. **Do Mucambo do pau preto à Rio das rãs: Liberdade e escravidão na construção da Identidade Negra de um Quilombo Contemporâneo** (Ensaio Etnográfico). Salvador: UFBA, 1998.

SOUZA, Antônio Carlos Santana de. **Africanidade e contemporaneidade do português de comunidades afro-brasileiras no Rio Grande do Sul**. Tese (Doutorado em Estudos da Linguagem). Universidade Federal do Rio Grande do Sul – Porto Alegre, 2015.

SOUZA, José Evangelista de; ALMEIDA, João Carlos Deschamps de. **O Mucambo do Rio das Rãs: um modelo de Resistência Negra**. Bom Jesus da Lapa-BA, 1994.

SOUZA, José Evangelista de; ALMEIDA, João Carlos Deschamps de. **Comunidades Rurais Negras Rio das Rãs – Bahia**. Distrito Federal: Documentário. Distrito Federal: Arte e Movimento, 1994.

SOUZA, Leandro Rodrigues de. **Simulação hidrológica e aplicação de uma análise multivariada no estudo de chuva-vazão na bacia hidrográfica do rio São Francisco**. Dissertação (Mestrado em Meteorologia). Universidade Federal de Campina Grande – Campina Grande, 2012, p.85.

WEINREICH, U.; LABOV, W.; HERZOG, M. **Fundamentos empíricos para uma teoria da mudança linguística**. Tradução: Marcos Bagno. São Paulo: Parábola Editorial, 1968-2006.